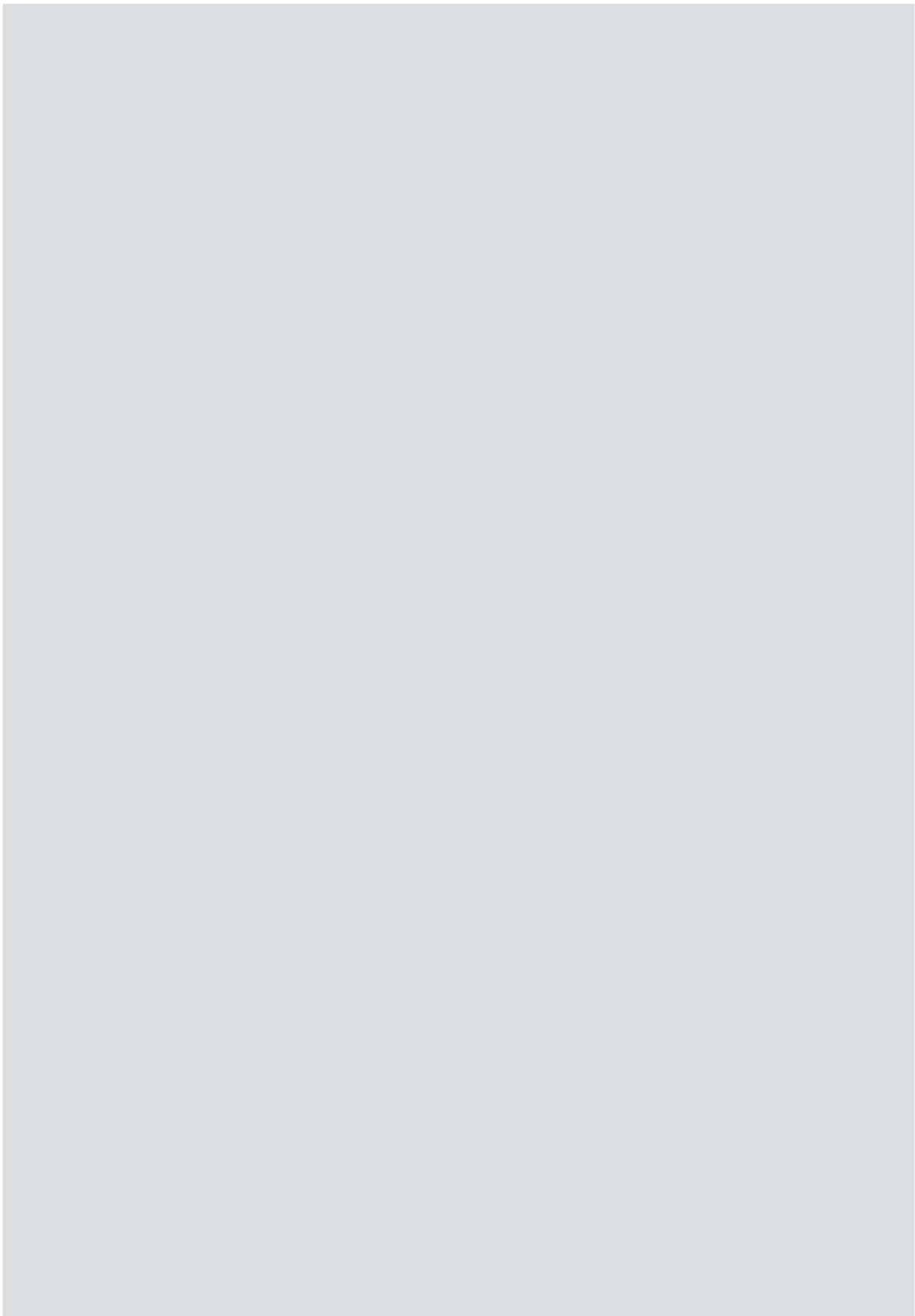




**ROSA MARIA VIEIRA
MEDEIROS**

Manuel Correia de Andrade e a
questão agrária brasileira

Doutora e
professora do
Programa de Pós-
Graduação em
Geografia da
UFRGS



INTRODUÇÃO

Escrever sobre Manoel Correia de Andrade é, em primeiro lugar, trazer para o debate o seu comprometimento com a Reforma Agrária, com o Brasil e com o Nordeste em particular. Afirmava ele ser necessário a implantação de diferentes projetos de Reforma Agrária no Brasil, onde fosse pensada cada uma das regiões brasileiras com suas especificidades culturais, principalmente no que se refere às diferenças culturais dos homens e das mulheres do campo brasileiro.

Em segundo lugar, não é possível deixar de salientar sua paixão pelo Nordeste e o quanto reiterava de que não era esta a região responsável pelo atraso econômico brasileiro. Afirmava ser ela rica em recursos naturais e que

o grande problema do semi-árido não é de ordem física. Ele é social. No dia em que for adotada uma política que beneficie toda a população e não apenas os grupos econômicos externos à região e à oligarquia local, o problema será solucionado.

E a solução para esse problema social sem dúvida passava pela realização da Reforma Agrária, ou seja, combater a fome. Era esta sua bandeira de luta que se expressou por meio de suas ideias publicadas em livros e artigos ao longo de sua vida.

Sua caminhada sofreu fortes influências de grandes pensadores, principalmente Gilberto Freyre no início de sua trajetória, Caio Prado Junior, Josué de Castro, Nelson Werneck Sodré e Pierre Monbeig.

Manoel Correia de Andrade sempre foi enfático ao afirmar que a questão agrária era um problema fundamental no Brasil e que sua necessidade se faz presente desde o século XIX. Afirmou que,

O Brasil deveria ter realizado uma série de reformas estruturais que já eram defendidas no século passado e que até hoje não foram concretizadas. A principal delas é a reforma agrária. Joaquim Nabuco, em 1884, defendeu a sua necessidade. Depois, o Imperador, feita a abolição, ainda quando o gabinete era chefiado por João Alfredo, propôs que se estudasse a possibilidade de desapropriação de terras situadas às margens dos rios navegáveis e

das estradas de ferro, para instalação de colonos. Com a República e o crescimento da população, se fez a marcha para o Oeste, ocupando a Amazônia. Mas se transferiu para a área as instituições fundiárias existentes no resto do país. Não houve mudança. (2000)

O enfoque social da Reforma Agrária e a necessária diversidade da mesma são elementos fundamentais que, segundo Andrade, deveriam também ser considerados pelos movimentos sociais de luta pela terra, em especial pelo MST.

Por ocasião dessa homenagem eu fui jantar com o João Pedro acompanhado do Bernardo Mançano, professor da Unesp, do meu filho Joaquim Correia e do Jaime Amorim, coordenador do MST em Pernambuco. E num bate-papo muito amigável, eu disse que eles tinham de enfrentar dois problemas. Primeiro, se livrar um pouco da formação econômica, porque ela é muito útil, mas tem de deixar se influenciar pelo problema social. O segundo é lembrar que não existe um Brasil, mas vários brasis. As aspirações dos sem-terra do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, que são essencialmente pequenos proprietários, podem ser muito diferentes das aspirações dos trabalhadores rurais assalariados do Nordeste, ou dos extrativistas da Amazônia. (2000)

A REFORMA AGRÁRIA NAS OBRAS DE MANOEL CORREIA DE ANDRADE

Em 1963 é lançado o livro *A terra e o homem no Nordeste* que tinha como objetivo esclarecer políticos e estudiosos sobre não só a necessidade de uma Reforma Agrária no Brasil, mas sim, o como fazê-la. Na época, essa obra foi classificada como subversiva e, conseqüentemente, apreendida pela ditadura. Atualmente está em sua 6ª edição republicada pela UFPE, e é considerada como sua produção de maior divulgação e visibilidade. É um marco na Geografia Agrária brasileira, pois traz para o debate geográfico questões relativas à propriedade da terra, às relações de

trabalho, às condições de trabalho e de vida dos trabalhadores rurais, às intervenções e às ações políticas. Nesta obra, de forte impacto político, a questão agrária brasileira é despida de suas vestes falsas para ser vista de forma clara e transparente.

Para Manoel Correia de Andrade, sua obra é mais militante, tinha como premência a denúncia científica e foi construída a partir do conhecimento de um professor universitário que aprofundava seus estudos sobre a Reforma Agrária.

Ele não o considerava como um livro acadêmico, é um livro de luta e afirmava que a metodologia era um meio e não um fim em si e, por essa razão, coloca que:

Referências Procurei parâmetros que indicassem a relação entre o meio natural e a ação do homem. Não fui rígido em metodologia porque acho que se você for muito rígido em metodologia, pode matar o ponto central de um livro [...] Eu queria servir à necessidade da Reforma Agrária. (1963)

É importante destacar que, em todas as suas obras nas quais a Reforma Agrária é o tema central, em sua análise se faz presente o processo histórico considerado como fundamental para a compreensão do espaço agrário e das diferentes relações sociais de trabalho e de produção ali desenvolvidas. No seu entender, o processo de avanço do modo de produção capitalista caminhava morosamente, com avanços mais rápidos em alguns tipos de relação, tais como financiamento e comercialização da produção – e muito lentamente no setor de relações de trabalho. Destaca em seu livro *Tradição e Mudança* que ainda subsistem no meio rural as várias formas de parceria, consideradas por Caio Prado Júnior como formas de assalariamento disfarçado [...] (p.61). Para ele, essa penetração capitalista que aconteceu no meio rural brasileiro transformou a economia local, extinguiu as estruturas artesanais de produção, eliminou os produtos, os costumes e as tradições locais.

Também considerava que as mudanças estruturais deveriam ser acompanhadas por processos que envolvessem, principalmente, educação pois esta seria a forma de produzir sem impactar, sem desgastar o meio ambiente. Essa relação com a natureza, sempre associada às ques-

tões sociais estava diretamente relacionada à busca pela Reforma Agrária e é, fundamentalmente, evidenciada na proposição de um planejamento regional para a realização da Reforma Agrária brasileira.

A questão cultural também se faz presente na sua obra, quando Manuel Correia de Andrade pensa a realização da Reforma Agrária adaptada às especificidades culturais dos homens e das mulheres trabalhadoras rurais de cada uma das diferentes regiões brasileiras marcadas na paisagem. Vê nessas marcas da paisagem o passado, o presente e o futuro.

As paisagens para que sejam autênticas e dinâmicas necessitam projetar os resquícios do passado, assim como a percepção da antecipação do futuro. Nelas se espelham harmonia e contraditoriamente, o passado, o presente e o futuro, lembrando o que forma, o que são e o que virão a ser. (1996)

Mas sua contribuição, por meio de suas obras, nos lega o acesso a conceitos e a definições fundamentais para a melhor compreendermos a questão agrária brasileira e a necessidade premente de Reforma Agrária.

Manoel Correia de Andrade define e conceitua:

- Nordeste, na obra *A Terra e o Homem no Nordeste*;
- Estrutura fundiária, em *Latifúndio e Reforma Agrária no Brasil*;
- Modo de produção capitalista, em *Agricultura e Capitalismo*;
- Camponês, também em *Agricultura e Capitalismo*;
- Parceiro e arrendatário, em *Tradição e Mudança*;
- Agricultura de “chuva”, também em *Tradição e Mudança*.

Para ele,

uma reforma agrária deve estar deve estar voltada tanto para a democratização do acesso à terra, por parte do trabalhador rural, como o da orientação do que produzir, de como produzir e do destino que deve ser dado à produção. Ela deve atingir tanto as formas quanto as funções da produção. (2002)

Portanto, no seu entendimento, a Reforma Agrária perpassa a mera distribuição de terras ficando claro o quanto se faz necessário o acompanhamento, em todas as fases do processo, daqueles que por ela são beneficiados.

Em 1963, em *A Terra e o Homem no Nordeste*, ele já destacava a necessidade de uma tecnologia para a agricultura que impactasse minimamente o meio ambiente, mas para tanto ele via a necessidade de outras mudanças:

Tanto quanto a reforma de uma estrutura, torna-se premente a reforma de uma mentalidade, é preciso dar educação ao povo para que aprenda a tratar a terra de forma mais adequada, permitindo que ela produza o máximo com o mínimo desgaste. (1963)

Ainda naquele momento, reforça a importância do cooperativismo como forma de melhorar a qualidade de vida dos agricultores. Além disso, estabelece uma relação entre o rural e o urbano já demonstrando a indissociabilidade do rural e do urbano, ou seja, políticas voltadas ao espaço rural atingiriam também o espaço urbano.

Um sistema cooperativista com apoio oficial poderia melhorar as culturas e as condições de vida dos agricultores, contribuindo assim com a elevação do nível de vida e da capacidade de consumo dos mesmos, assim como para melhorar o abastecimento dos centros urbanos. (1963)

Para Manoel Correia de Andrade, em 1979, já estava muito claro que só a Reforma Agrária poderia fortalecer a pequena e a média propriedade, principalmente, desenvolvendo uma tecnologia adequada às condições naturais e às necessidades básicas da população rural brasileira.

Se torna urgente a necessidade de uma modificação substancial na política agrária do Brasil, visando-se ao fortalecimento da pequena e média propriedades e ao desenvolvimento de uma tecnologia autóctone, voltada para a problemática do país, utilizadora do fator trabalho – absorvedor de mão-de-obra em larga escala – e de recursos produzidos no território nacional. (1979)

Também tinha ele consciência de que o Brasil deveria ser ágil, rápido e objetivo na implantação de uma Reforma Agrária considerada fundamental para o desenvolvimento econômico do país.

Daí acreditamos que uma reforma agrária efetiva e a curto prazo constitui o primeiro passo para eliminar e encaminhar o país para uma aceleração do processo de desenvolvimento. (1980)

As manifestações dos agricultores sem terra que começaram a eclodir em diferentes regiões do país reforçaram o pensamento de Manoel Correia de Andrade em relação à necessidade de se fazer Reforma Agrária no Brasil:

Estes fatos conscientizam os estudiosos do problema agrário brasileiro de que uma reforma agrária torna-se necessária a curto prazo, pois o problema da terra, a questão agrária, é o principal problema que entrava o desenvolvimento do país, embora não seja o único. Sem solução da questão agrária as outras questões não podem ser resolvidas. (1980)

Mas o processo de modernização, já instalado no campo brasileiro, provocava transformações que foram objetos de análise em *A questão do território no Brasil*. O camponês excluído desse processo, mas sofrendo as consequências do mesmo, segundo Manoel Correia deve se transformar em sujeito ativo e não passivo.

Modernizar não é apenas transformar, como querem alguns grupos que se beneficiam da modernização, mas transformar para melhor. E na transformação para melhor o camponês deve ser não apenas objeto, mas também sujeito dessa modernização. (1995)

Afirmava ser necessária uma tomada de posição por parte do poder público que, efetivamente, contrariasse os interesses das classes dominantes se os mesmos representassem um entrave aos avanços das políticas que promovessem o desenvolvimento das populações locais, da região, do país. A população deve ser vista sempre como sujeito desse desenvolvimento, participando da elaboração e da execução dos programas implantados pelo poder público.

Considerava o latifúndio como o agente desestabilizador da economia e da sociedade brasileira que acentuava o processo de crescimen-

to da miséria de muitos e da acumulação de capital de poucos, sobretudo das transnacionais que pauperizavam o país.

Por esta razão é que, sem temor algum, traz para o debate um tema intocável para os legisladores: taxaço sobre os latifúndios, índices de produtividade.

É necessário que o país modifique sua legislação, taxando com rigor propriedades de grande extensão – latifúndios por extensão, sobretudo – e obrigando seus proprietários a pagar impostos. (1995)

Este seria um dentre outros desdobramentos das políticas públicas de desenvolvimento autossustentável que transformariam “[...] uma sociedade altamente concentrada e má distribuidora de rendas em uma sociedade progressista em que domine o bem estar social...” (2001).

A sua grande preocupação com a fome também se expressa associada à necessidade dessas políticas públicas, as quais deveriam atingir a população brasileira e, em especial, a nordestina. Aqui se percebe a forte influência de Josué de Castro:

Então a pobreza do sertanejo não vem unicamente da seca, mas sim das estruturas sociais. (1994)

Atribuimos especial importância à necessidade de uma reforma agrária, porque as estruturas agrárias constituem, em algumas regiões semi-áridas, sérios obstáculos ao acesso das populações aos recursos necessários à sua subsistência. (1994)

Deveria haver uma política agrícola voltada a produção de alimentos, sabendo-se que o país é um dos maiores produtores de grãos do mundo mas que nele vive mais de 30% de sua população atingida por fome aguda. (1995)

Manuel Correia de Andrade deixa claro que todo o processo de transformação não ocorre de forma retilínea e que há momentos em que tudo para e parece que retrocede e, para ele, é assim que a Reforma Agrária avança no Brasil.

[...] nenhum processo é linear, ele caminha através de avanços e recuos [...] (2001)

Embora o movimento camponês – não damos à palavra a tradicional conotação europeia, mas a nossa, de trabalhador rural, não assalariado, ou apenas parcialmente assalariado – venha se mostrando forte e destemido. A reação contra o mesmo, das forças conservadoras, impede que o processo de reforma agrária se realize com maior intensidade. (2002)

Mas fica evidente sua consciência e seu comprometimento com a Reforma Agrária quando afirma que,

No Brasil, eu sempre defendi a Reforma Agrária mas não uma simples distribuição de propriedades em lotes do mesmo tamanho. (1994).

O meu compromisso é com a reforma agrária. E é claro que todos aqueles que estão lutando pela reforma agrária tem o meu apoio. (2002)

E da mesma forma, a clareza de que os camponeses, conscientes de sua cidadania, de seus direitos serão os agentes do processo de Reforma Agrária.

Mas o fato de o camponês estar convicto dos seus direitos e de que a reforma agrária não será uma dádiva da classe dominante, mas uma conquista sua, indica que tende a se acentuar uma melhor distribuição da terra no Brasil. (2002)

Seu forte caráter de pesquisador, marcado por suas ideias firmes, claras e precisas, não lhe permitiria deixar de se posicionar sobre a transposição do rio São Francisco. Em 1983, já afirmava, “desenvolvamos o São Francisco primeiramente em benefício dos são-franciscanos, e apenas secundariamente em função dos interesses de pessoas e grupos de outras regiões” (p.112).

Em 2000, expressa com clareza sua posição quando diz que:

Sou contra. A transposição do São Francisco tem dois problemas sérios: primeiro, a sua água não é sequer suficiente para irrigar a área próxima a ele na Bahia e em Pernambuco.

E ela tem de ser usada em irrigação e em produção de energia. Em segundo lugar, a construção de um canal de transposição seria caríssima num país onde há poucos recursos. Além disso, não sabemos os impactos ecológicos que ocorreriam com a construção desses canais.

Em o *Desafio Ecológico – utopia e realidade* (1994), Manuel Correia de Andrade traz uma provocação tanto para as autoridades como para a comunidade acadêmica no sentido de que se fizesse uma reflexão sobre os diferentes problemas ambientais e que se buscasse soluções para os mesmos por meio da participação consciente da sociedade civil, a fim de que não se transferisse para as gerações futuras um território degradado, mas sim, qualidade de vida melhor do que aquela desfrutada no presente.

REFLEXÃO FINAL

Esta breve reflexão sobre a Reforma Agrária na obra de Manoel Correia de Andrade nos permite perceber o quanto e quã profundamente suas ideias, seu conhecimento, sua tenacidade em defender seu pensamento marcaram a Geografia Agrária brasileira.

Sua simplicidade transparece ao afirmar sua falta de rigidez em metodologia ao escrever um livro, pois no seu entender a metodologia é um meio, não um fim em si. Sua tenacidade se expressa ao demonstrar o seu compromisso e a necessidade de servir à Reforma Agrária.

Seu conhecimento científico aflora de seus ensaios, artigos, palestras e livros publicados.

Seu sonho se cristaliza na crença de que a Reforma Agrária no Brasil é possível.

Alunos que fomos, mestres e pesquisadores que somos levaremos não só o conhecimento que nos foi legado mas sobretudo o exemplo de vida.

um professor nunca é o dono da verdade: é um guia, um indicador da verdade que cada estudante deve encontrar por si mesmo. Um bom professor é apenas um catalisador.
(Manoel Correia de Andrade, 1922-2007)

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manoel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste*. São Paulo: Brasiliense, 1963.
- _____. *Paisagens e problemas do Brasil*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- _____. *Agricultura & Capitalismo*. São Paulo, 1979.
- _____. *Latifúndio e Reforma Agrária no Brasil*. São Paulo : Livraria Duas Cidades, 1980.
- _____. *Tradição e mudança: a organização do espaço na área rural e urbana e na área de irrigação do Sub-Médio São Francisco*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- _____. *Geografia Econômica*. São Paulo : Difel, 1985.
- _____. *Lutas Camponesas no Nordeste*. São Paulo: Ática, 1986.
- _____. *O povo e o poder*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.
- _____. *O desafio Ecológico - utopia e realidade*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- _____. *A questão do território no Brasil*. São Paulo-Recife: IPESP/ Hucitec, 1995.
- _____. *O Planejamento Regional e o espaço agrário no Brasil*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1996.
- _____. *A terra e o homem no Nordeste*. 6. ed. Recife: Ed. Universitária UFPE, 1998.
- _____. *História das Usinas de Açúcar de Pernambuco*. 2. ed. Recife: Editora Universitária UFPE, 2001.
- _____. *O Brasil e a questão agrária*. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2002.
- _____. *Territorialidades, desterritorialidades, novas territorialidades: os limites do poder nacional e do poder local*. 2002:214). SANTOS, M; SOUZA, M.A; SIVEIRA, M.L. (orgs.). *Território: globalização e fragmentação*. S.P., Hucitec/ ANPUR, 2002.
- _____. *A Questão Agrária no Brasil*. UFP, 2003.

_____. L'élevage le Nord-Est du Brésil. Les cahiers d'outre mer. *Revue de géographie*, Bordeaux, França, 1969.

O homem do Nordeste - Entrevista com Manuel Correia de Andrade. *Revista Teoria e Debate*, São Paulo, n.45. jul/set 2000.